

**15.01.22**

→ 21h30

T

A

G

V



TEATRO

# Língua

DE CÁTIA PINHEIRO & JOSÉ NUNES + DIOGO BENTO  
ESTRUTURA

O oralismo, segundo alguns autores, é uma das manifestações da mentalidade colonialista mundial, que, noutros contextos, tem outros nomes: racismo, sexismo, neoliberalismo, fascismo. No caso dos Surdos, a obsessão em tratar o défice resultou na imposição absurda da língua falada. (1)

## Paulo Vaz de Carvalho

Quando nos lançámos para este projeto, acreditávamos que o objetivo fulcral seria remeter a voz para segundo plano e propor uma inversão, na relação existente num espetáculo, entre o português falado e a Língua Gestual Portuguesa (LGP), onde, por norma, num canto discreto do palco, a intérprete traduz para LGP o que os atores dizem em cena.

Este desejo inicial trazia consigo a habitual vontade da nossa prática artística – questionar convenções teatrais e usá-las como matéria performativa. Além disso, tínhamos ainda a vontade de conhecer uma outra língua, com uma cultura própria e, simultaneamente, questionar a nossa, bem como o fonocentrismo que perpetua relações de violência, obrigando todos a falar da mesma forma. Dentro e fora do teatro.

Iniciámos assim o questionamento do que pode ser uma língua e qual a sua importância como veículo de comunicação. Porém, cedo percebemos que esta proposta teria de ultrapassar um “questionamento teatral”. Abdicar do fonocentrismo seria uma tentativa de abrir todos os cantos do palco à LGP e equilibrar um pouco uma balança completamente desigual, sabendo de antemão que nós, criadores do espetáculo, fazemos também parte do problema e contribuimos para ele. “Mas, hoje não será assim”, decidimos.

Mergulhar no universo da LGP foi, antes de mais, mergulhar no universo da Identidade e Cultura Surda e compreender as suas questões, ideias e história. Foi entrar num mundo de referências bibliográficas novas como Emmanuelle Laborit, Harlan Lane, Paddy Ladd, Paulo Vaz de Carvalho, entre outros. Foi mergulhar na história dos Surdos, conhecer nomes como Ponce de León, Abade L'Épée, Abade Sicard ou momentos históricos como o sinistro Congresso de Milão, o Deaf Holocaust ou o movimento Deaf President Now. Ficámos com a sensação de que, por mais aprofundada que a nossa pesquisa fosse, ela estaria sempre incompleta. Conhecemos pessoas extraordinárias e naturalmente mudámos para sempre a perceção que temos, inclusive da construção e apresentação dos nossos próprios espetáculos.

Em cena, unimos Língua Gestual Portuguesa e língua portuguesa num espetáculo verdadeiramente bilingue que tenta ser uma proposta de reflexão sobre uma ideia de língua, questionando possibilidades, limites e identidades. Pelo meio, há um pouco da história dos Surdos, replicam-se idiosincrasias do quotidiano das pessoas Surdas, bem como especificidades da comunicação em Língua Gestual Portuguesa.

Imaginámos este espetáculo como uma nação. A nação língua que fundamos em cena em vários atos, com direito a vários rituais. Um espaço multilingue onde “nos possamos desentender melhor e sem problemas”. Onde cada língua corresponde a uma individualidade. Quantas mais melhor. Um espaço onde LGP, língua portuguesa e todas as outras línguas escritas, visuais ou imagéticas são bem-vindas. Onde aprendemos a ouvir com os olhos e a falar com as mãos. A falar por imagens em vez de som, repensando Jean-Luc Godard e tornando-o divisa deste país possível. “Pas une image juste, juste des images”.

Em suma, uma proposta de reflexão sobre a noção de língua enquanto elemento identitário, mesmo sabendo que esta traz alapados às costas diversos problemas. Até porque "a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência". E, na verdade, quando falamos de audismo, oralismo, fonocentrismo, racismo, homofobia, transfobia, entre outras formas de opressão, estamos sempre a falar de relações desiguais de poder, de regras e normas criadas em benefício próprio, esquecendo o "outro". Estamos a falar de formas de exacerbação da "diferença" para gerar ódio, indiferença e incompreensão. Esta relação evidente importa denunciar, hoje, mais do que nunca. Dar com a língua e com as mãos nos dentes para que a história não se repita desta vez como uma farsa de má qualidade.

(1) Vaz de Carvalho, Paulo, 2007. Breve História dos Surdos em Portugal e no Mundo. Surd'Universo.

A companhia Estrutura foi fundada em 2009 pelos criadores Cátia Pinheiro e José Nunes e tem desenvolvido a criação e produção de espetáculos de teatro e projetos transdisciplinares, bem como atividades de programação e formação. Desde a sua fundação apresentou os seus espetáculos em colaboração com instituições como o Teatro Municipal do Porto, TNSJ, TNDMII, Centro Cultural Vila Flor, 23 Milhas, FITEI, Festival Temps d'Images, entre outros. O trabalho da Estrutura assenta numa lógica colaborativa, onde são regularmente convidados outros artistas para partilhar a criação dos projetos, como foi o caso de Rogério Nuno Costa, Pedro Zegre Penim, André Godinho, Diogo Bento ou António MV.

**Criação** Cátia Pinheiro & José Nunes + Diogo Bento **Texto** Diogo Bento, José Nunes **Versão LGP** Joana Cottim **Interpretação** Ana Lopes, Cláudia Braga, Diogo Bento, Joana Cottim, Tiago Jácome **Atriz em vídeo** Mariana Magalhães **Cenografia** Cátia Pinheiro **Desenho de luz** Daniel Worm d'Assumpção, Pedro Nabais **Vídeo** Vasco Mendes **Desenho de som** Vasco Rodrigues **Figurinos** Jordann Santos **Produção executiva** Ana Lopes **Formação LGP inicial ao elenco** Ana Bela Baltazar **LGP nos ensaios e espetáculo** Joana Cottim **Apoio à cenografia** Emanuel Santos, Raúl Constante Pereira **Assistência de figurinos** Clementina Delgado **Assessoria de imprensa** Bruno Malveira (The Ugly Duckling Agency) **Coprodução** Estrutura, Teatro Nacional São João e São Luiz Teatro Municipal **Apoio** 23 Milhas **Entidade financiada por** República Portuguesa – Cultura/DGARTES – Direção-Geral das Artes **A Estrutura** é uma companhia residente no Teatro Campo Alegre, no âmbito do programa Campo Aberto do Teatro Municipal do Porto **Agradecimentos** Teatro Municipal do Porto, Teatro Universitário do Porto, Associação de Surdos do Porto, Serviços de tradução e interpretação de Língua Gestual (CTILG), Língua Estrutura, coworking Gaia, Sara Marques Faneca, Pedro M. Santos, Carlos Mota, Paulo Correia, Otilia Faro, Ricardo Santos Costa, Joana Nabais **Fotografia** Ana Lopes

**Local** TAGV **Duração aprox.** 1h10 **M12**

